AMBIENTE & EDUCAÇÃO
Revista de Educação Ambiental
E-ISSN 2238-5533

EXPERIÊNCIAS EM EDUCAÇÕES AMBIENTAIS NOS ENCONTROS DE DOIS GEÓGRAFOS ECOLOGISTAS

Soler Gonzalez[1]
Universidade Federal do Espírito Santo
https://orcid.org/0000-0003-2572-5449

Rodrigo Barchi[2]
Universidade Ibirapuera/ Universidade de Sorocaba
https://orcid.org/0000-0001-9198-1382

Resumo: Perante um intenso processo de sucateamento das instituições e políticas públicas de proteção ao meio ambiente e de educação ambiental no Brasil, por parte de uma governança "negacionista" e detratora das organizações científicas e das defesas das minorias,

[1] Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado Profissional), na linha de pesquisa Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão Escolar, na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Email: soler.gonzalez@ufes.br

[2] Pós-Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), sendo membro do Grupo de Estudos Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia (GEECAF); Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Mestre em Educação pela Universidade de Sorocaba (UNISO); Especialista em Gestão da Educação Pública pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e em Educação Ambiental pela Universidade de São Paulo (EESC-USP); graduado em Geografia pela Universidade de Sorocaba (UNISO) e em Pedagogia pela Universidade da Cidade de São Paulo (UNICID). Professor do Programa em Pós-Graduação em Educação, na Linha de Pesquisa "Educação, Cultura e Subjetividade", na Universidade Ibirapuera (UNIB); Professor-Adjunto do colegiado de Filosofia na Universidade de Sorocaba (UNISO) e Professor Convidado do Doctorado en Educación, Arte y Cultura, da Universidad Autónoma "Benito Juárez" de Oaxaca (UABJO). E-mail: rbarchicore@uol.com.br

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 27, n. 01, Agosto, 2022:
Recebido em: 30/06/2021
Aceito em: 15/07/2022

inclusive as organizações estatais, esse texto relata a experiência do encontro de dois geógrafos, professores e ecologistas, de duas regiões distintas. Tendo como foco principal as atividades realizadas durante a presença do educador paulista na cidade de Vitória, no Estado do Espírito Santo, durante uma série de eventos ligados a um Programa de Pós-Graduação em Educação, esse texto se divide em duas seções, sendo a primeira o relato do pesquisador anfitrião e organizador das atividades, o segundo relato, o do professor visitante. As perspectivas das educações ambientais que pautam as discussões do artigo além de se situar, filosófica e politicamente, às margens das redes institucionais, inclusive dos programas oficiais de pautas "progressistas", são combativas às ações "ecofóbicas", predatórias e beligerantes dos governos das extremas direitas, instaurados recentemente no Brasil.
Palavras-chave: Educação Ambiental; Formação de Educadores Ambientais; Movimento Social; Ecologistas; Política.

EXPERIENCIAS EN EDUCACIONES AMBIENTALES EN LOS ENCUENTROS DE DOS GEÓGRAFOS ECOLOGISTAS

Resumen: Delante de un intenso proceso de empeoramiento de las instituciones y políticas públicas de protección al medio ambiente y de la educación ambiental en Brasil, por parte de un gobierno "negacionista" y detractora de las organizaciones científicas y de las defensas de las minorías, inclusive de las organizaciones estatales, ese texto relata la experiencia del encuentro de dos geógrafos, profesores y ecologistas, de dos regiones distintas. Teniendo como foco principal, las actividades realizadas durante la presencia del educador paulista en la ciudad de Vitória, en el Estado de Espírito Santo, durante una serie de eventos relacionados a un Programa de Post-graduación en Educación, ese texto se divide en dos secciones, siendo la primera el relato del investigador anfitrión y organizador de las actividades, el segundo relato, el del profesor visitante. Las perspectivas de las educaciones ambientales que orientan las discusiones del artículo además de posicionarse, filosófica y políticamente, a los márgenes de las redes institucionales, inclusive de los programas oficiales de pautas "progresistas", son combativas a las acciones "ecofóbicas", predatorias y beligerantes de los gobiernos de las extremas derechas, instaurados recientemente en Brasil.
Palavras-clave: Educación Ambiental; Formación de Educadores Ambientales; Movimiento Social; Ecologistas; Política.

EXPERIENCES IN ENVIRONMENTAL EDUCATION AT THE MEETINGS OF TWO ECOLOGICAL GEOGRAPHERS

Abstract: In the face of an intense process of succession of public institutions and policies for the protection of the environment and Environmental Education in Brazil, by a "negationist" governance that detracts from scientific institutions and minority defenses, including the state ones, this text brings the encounter experience of two geographers, teachers and ecologists, from two different regions. It has as main focus the activities performed during the presence of the educator from São Paulo in the city of Vitória, in the State of Espírito Santo, during a series of events linked to a Postgraduate Program in Education, this text will be divided into two stages: the first one is a narrative by the host, researcher and activity organizer, and the second stage, the narrative of the visiting professor. The perspectives of environmental educations that address the discussions of the article in addition to situational, philosophical and political situations, on the margins of institutional networks, including the official "progressive" programs of progress, are combative to the "ecophobic", predatory and belligerent actions of extreme right governments, recently established in Brazil.
Key Words: Environmental Education; Training of Environmental Educators; Social Movement; Ecologists; Policy.

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 27, n. 01, Agosto, 2022:
Recebido em: 30/06/2021
Aceito em: 15/07/2022

O COSMOS COMO UM PONTO DE PARTIDA...

Na introdução de sua intensa, extensa e premiada biografia sobre o geógrafo e naturalista Alexander von Humboldt, a historiadora Andrea Wulf afirma categoricamente que todas as perspectivas dos e das ecologistas, ambientalistas, naturalistas e escritores de natureza, são tributárias da proposta integrada de natureza, desenvolvida pelo pesquisador prussiano (WULF, 2016, p. 32). Cita, inclusive, a bióloga Rachel Carson, que em seu *Silent Spring*, usa como base o princípio de interconexão desenvolvido por ele. Além de uma série de outros vínculos que a autora estabelece, no decorrer da obra, entre von Humboldt e pensadores caros ao pensamento ecológico contemporâneo, como Ernest Haeckel, Charles Darwin e Henry David Thoreau. Todos, de uma forma ou outra, influenciados e inspirados pela dedicação, apreço e amor de Humboldt ao conhecimento do cosmos.

Como herdeira não só do legado científico de Humboldt e daqueles que foram intercedidos por ele, mas também da paixão que, de uma forma ou outra, foi transformada em modo de vida e dedicação total ao estudo e a explicação da natureza, a militância ecologista contemporânea, em especial no Brasil, se vê às voltas com uma situação absurdamente distinta daquela vivida pelos naturalistas do século XIX. Naquele momento, havia uma gigantesca empolgação ao redor da ciência e de suas infindáveis descobertas, a ponto do centenário de Humboldt ter sido transformado em feriado nacional em diversas partes do globo (WULF, 2016, p. 30-31). Hoje, nós precisamos, a cada dia, ter que reforçar e defender o papel da ciência e de uma educação de cunho científico, que possa enfrentar os constantes ataques contra os(as) cientistas e suas respectivas instituições, por parte de setores da sociedade, que visam enfraquecer a pesquisa, em troca dos mais diversos interesses financeiros, militares, religiosos e corporativistas.

Somando-se a essa situação, crescente desde o início de 2019, enfrentamos no Brasil, em relação à covid-19, os negacionismos eugenistas que, estabelecidos como política pública em esfera federal (MATHIAS;

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 27, n. 01, Agosto, 2022:
Recebido em: 30/06/2021
Aceito em: 15/07/2022

TORRES, 2020), criam a possibilidade de uma enorme tragédia genocida, a qual tem, como principal causa, o escárnio feito aos profissionais da ciência[3].

Neste sentido, qual é, portanto, o propósito, de dois professores, geógrafos, militantes desde jovens pelas causas ecologistas, nas cidades em que moram no Brasil – Vitória (ES) e Sorocaba (SP) – trazerem a tona, nesse texto, um relato de experiências ao redor do tema da educação ambiental, enquanto o país vive a crise pandêmica associada a um governo "pandemônico", e cujas perspectivas futuras estão mais próximas de uma severa catástrofe social, econômica política e ambiental, do que as utopias – no nosso caso freireanas - tão desejadas e lutadas? Quais são as educações criadas no encontro entre estes dois geógrafos? E vice-versa: quais geografias construídas nessa conexão dos dois educadores ambientais?

É o que pretendemos discutir nesse artigo, o qual, a partir da visita técnica do professor paulista à capital capixaba, traz dois relatos simultâneos sobre os encontros, situações, redes e contatos que permitiram que houvesse a possibilidade tanto da participação do sorocabano nas bancas de qualificações e defesas de orientandos do professor capixaba, quanto de conversas coletivas e estudos de campo, realizados no mês de agosto de 2019.

Usamos o escopo metodológico das narrativas neste relato, que aqui se baseiam nas propostas e trabalhos de Reigota (1999b, 2016), Reigota, Possas e Ribeiro (2003), Alves e Barbosa (2004) e Mello (2020), que entendem, de um modo convergente, as narrativas como possibilidades de trazer à tona a interpretação, recepção, vivência e "sequenciamento" dos fatos a serem registrados e expressos pelos pesquisadores e pesquisadoras (REIGOTA, 1999), na qual a "experiência é estudada com o outro, e não sobre o outro (MELLO, 2020, p. 48).

[3] Esse texto foi desenvolvido em meados de 2020, em um momento onde a pandemia Sars-Covid-2 estava a pleno vapor, e as vacinas ainda não haviam sido completamente desenvolvidas.

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 27, n. 01, Agosto, 2022:
Recebido em: 30/06/2021
Aceito em: 15/07/2022

Portanto, trazemos essas narrativas como forma de apresentar tanto o trabalho e as pesquisas em Educação Ambiental realizadas no âmbito do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como também das redes e conexões estabelecidas, nos últimos anos, por uma série de educadores(as) ambientais no país, vinculados a diversos programas de pós-graduação em Educação de instituições públicas e privadas ao redor do Brasil.

Essa rede de educadores e educadoras ambientais, criada às margens e na periferia das redes institucionais estabelecidas nos últimos 15 anos[4] e antes do golpe institucional de 2016, busca pensar a educação ambiental em sua forma plural e diversa – e por isso, se encaixe melhor o conceito de educações ambientais para elas – além de sua constante crítica, não somente à cristalização de suas perspectivas epistemológicas e metodológicas, mas a qualquer tentativa de apagamento ou cooptação de suas práticas.

Portanto, o artigo que se apresenta está em forma de relato de experiência, através de duas narrativas, que consideramos quase que simultâneas, pois nós, esses dois educadores, apresentamos as mesmas situações, vivências e experiências. Buscamos relatar, justamente, as formas nas quais essas educações estão pensadas, construídas e praticadas pelos estudantes e educadores(as) influenciados e inspirados por essas perspectivas ecologistas de educação, de potências libertárias, nômades, insubmissas, menores e radicais, herdeiras do pensamento de Paulo Freire. Em primeiro lugar, apresentaremos a narrativa do professor da Universidade Federal do Espírito Santo, anfitrião da atividade, para, na sequência, trazer o relato do professor visitante, titular de um programa de pós-graduação em Educação, de uma instituição privada da cidade de São Paulo.

Professores que, apesar do imenso cosmopolitismo e quase distanciamento pleno de suas vidas cotidianas em relação às paisagens

[4] Redes criadas com amplo aparato institucional, tendo suas perspectivas teóricas alinhadas aos interesses políticos dos governos progressistas (2003-2016), e que se enfraqueceram, empalideceram e praticamente foram destruídas, legalmente, após o fim da Diretoria Executiva de Educação Ambiental, em janeiro de 2019.

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 27, n. 01, Agosto, 2022:
Recebido em: 30/06/2021
Aceito em: 15/07/2022

naturais e aos seres não-humanos que tanto eram admirados e estudados por Humboldt, através das educações ambientais e perspectivas ecologistas em educação buscam manter o legado de defesa do direito à vida por parte dos humanos em relação a si mesmos, e também pela proteção aos outros seres que dividem o planeta conosco.

DO CONGO ÀS MULHERES ECOLOGISTAS

Caro Rodrigo, gostaria de iniciar com o pensamento freireano, quando na *Pedagogia do Oprimido* nosso patrono da educação nos alerta que é necessário, enquanto humanidade, pensarmos o nosso "posto no cosmos" e assumirmos que sabemos pouco de nós. E que o processo de humanização consiste em combatermos a exclusão, a exploração, a opressão, a violência e a degradação da vida no planeta. Assumindo, portanto, o compromisso com uma educação como prática da liberdade e de formação humana.

"Somos mesmo uma humanidade?". Essa questão-provocação feita por uma das maiores lideranças indígenas e ambientalistas, o Ailton Krenak, faz eco ao alerta freireano que expõe nossa humanidade, marcada por modo de vida antiecológico e que desconsidera e silencia as outras cosmovisões de natureza, como as cosmovisões indígenas e africanas. Nossa "humanidade" desumana deseja a todo o momento capitalizar sonhos, corpos, subjetividades para limitar e controlar nossa existência, memórias, histórias, liberdade, e com isso, renovar os votos do divórcio entre a humanidade e a Terra, nossa única morada, nossa oca planetária.

Continuando com a conversa, Rodrigo, sobre nossas trajetórias com as educações ambientais, a pesquisa, o ensino, a extensão e a formação docente, gostaria de narrar aqui breves episódios cotidianos, trazendo como inspiração o movimento ético, estético, político, pedagógico e freireano de aprender, dialogar [e narrar] com a própria história (GUIMARÃES, e FREIRE, 2011a, 2011b), como "sujeito da história" (FREIRE, 1996), começando pelo meio e

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 27, n. 01, Agosto, 2022:
Recebido em: 30/06/2021
Aceito em: 15/07/2022

compartilhando experiências, aprendizagens, encontros e desencontros com pessoas, lugares e acontecimentos.

No ventilar das minhas memórias, Rodrigo, recordo-me do verão de 2016, em meados do mês de fevereiro, quando conheci você pessoalmente. Eu e Andreia fomos prestigiar um momento esse especial que foi o dia da defesa de sua tese de doutorado, na Faculdade de Educação da Unicamp, e, saímos de lá com o desejo em dialogarmos com outras concepções de educação e de educação ambiental.

Foi uma defesa instigante que preencheu a sala com os sons de bandas de diversos conjuntos de *heavy metal, thrash metal, death metal, hardcore e grindcore*, e com as capas dos álbuns projetadas na parede, fazendo-nos sentir aquilo que você sugeria como as "ecologias licantrópicas, infernais e ruidosas com as educações ambientais menores e inversas" (e vice-versa), e, como você mesmo diz sempre em nossas conversas e textos, apostando numa proposta de trabalho *inversa e disjuntiva às propositivas oficialistas e normalizadoras em educação ambiental*, trazendo também as possibilidades de resistências que buscam inverter e tornar *menor,* rebelde e insubmissa, a ecologia e a educação.

Três anos antes desse encontro infernal e ruidoso na Unicamp, a Andreia havia defendido a dissertação de mestrado e estava focada em continuar seus estudos e ingressar no doutorado em educação. Na época pesquisamos as possibilidades, sem saber ao certo ainda o local, e, numa das nossas conversas, nosso amigo Gilfredo Maulin sugere, "por que você não 'tenta' fazer na Uniso com o Reigota?" Com o Marcos Reigota? Seria um sonho...

E tudo levava a crer que aquela era apenas mais uma sugestão, mas, neste caso específico, sabíamos que seria uma grande conquista ser orientanda do Reigota. Como uma conversa pode criar deslocamentos, abandonos, conexões e outras possibilidades de diálogos com as redes cotidianas de conhecimento, consigo próprias, e, principalmente, com outras educações ambientais?

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 27, n. 01, Agosto, 2022:
Recebido em: 30/06/2021
Aceito em: 15/07/2022

Andreia seguiu a sugestão do Gilfredo, intensificou ainda mais os estudos e foi aprovada no processo seletivo da Uniso, que deixou-nos muito felizes. Era o início do primeiro semestre de 2015 e do doutorado em educação na Uniso.

Conversávamos diariamente por *Whatsapp* ou por *Skype*, e, numa dessas ligações, em meados do semestre de 2015/1, ela comentou comigo: “O Reigota recomendou que eu conversasse com o professor Rodrigo. Consegui agendar um encontro com ele por email e conversaremos sobre nossas pesquisas. O Rodrigo me receberá na Uniso no Campus Trujillo, onde ele é coordenador e professor do curso de licenciatura em Geografia. Estou curiosa para conhecê-lo.”

Costumávamos conversar no final do dia após as aulas da Uniso, e, num certo momento da conversa por celular ela me disse: “Foi muito bom o encontro com o Rodrigo. Você vai gostar de conversar com ele. Ele é da Geografia e coordenador do curso aqui na Uniso”.

É importante dizer que a sugestão do Gilfredo para que a Andreia tentasse o doutorado com o Reigota, surgiu inicialmente em decorrência de um encontro que aconteceu na manhã do dia 02 de dezembro de 2013, no Centro de Educação da UFES, na sala do Núcleo Interdisciplinar de pesquisa e estudos em educação ambiental, o Nipeea. Na ocasião recebemos as visitas dos professores e pesquisadores Marcos Reigota (Uniso/SP) e Valdo Barcelos (UFSM), convidados para a banca examinadora de defesa pública da tese de doutorado em Educação do Gilfredo Maulin, intitulada, *Lugares e tempos em narrativas de uma educação pós-colonial no Sítio dos Crioulos, Jerônimo Monteiro, E.S.,* que aconteceu no período da tarde.

Conversamos sobre a educação ambiental no Brasil, o movimento ambientalista, seus avanços e retrocessos nas políticas públicas, suas abordagens teóricas e metodológicas e seus processos de institucionalização.

O professor Valdo trouxe alguns exemplares do livro *Humberto Maturana: amar...verbo educativo* (2012), escrito por ele e seu orientando de doutorado, Homero Schlichting. Eu e Andreia adquirimos um exemplar, pois

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 27, n. 01, Agosto, 2022:
Recebido em: 30/06/2021
Aceito em: 15/07/2022

sabíamos que poderíamos ampliar nossos estudos com o pensamento de Maturana, já abordado em minha tese, *Educação ambiental autopoiética com as práticas do bairro Ilha das Caieiras entre os manguezais e as escolas,* e na dissertação da Andreia, *Educação Ambiental entre os carnavais dos amores com os mascarados do congo de Roda D'Água*, ambas defendidas em 2013.

Seguindo fluxo da conversa e dos encontros e episódios ecologistas, Marcos Reigota relembrou os momentos de quando participou ativamente da ANPED e era coordenador do antigo Grupo de Estudos 22 (GE 22), atual Grupo de Trabalho 22 (GT 22). Participei desta edição da Anped em 2003 em Poços de Caldas. Nesse movimento de dialogar e de narrar a própria história, Reigota compartilhou suas lembranças do IV Fórum de Educação Ambiental, que aconteceu em 1997 em Guarapari, e, em seguida apresentou a pesquisa que estava realizando naquele momento com o grupo de estudos *Perspectiva Ecologista em Educação*, dialogando com as metodologias de estudos com os cotidianos escolares e com textos literários, tendo como inspiração a literatura Milton Hatoum.

Na ocasião também fez referências às pesquisas envolvendo a proposta política e pedagógica de Paulo Freire e a Educação Ambiental, e comentou as pesquisas que você, Rodrigo, estava realizando, suas andanças e derivas acadêmicas com a educação ambiental desde a iniciação científica, suas experiências com a visita na Escola Bosque do Bailique, no Amapá e sobre a dissertação que defendeu em 2006, abordando os discursos realizados nas conversas sobre as pichações e suas aproximações com uma educação ambiental libertária nos cotidianos escolares.

Seguimos, portanto, Rodrigo, no faro e no apetite por encontros com outras educações ambientais, menores*,* rizomáticas, autopoiéticas, libertárias, lincantrópicas e infernais, e, nessas andadas criamos encontros de ideias, pensamentos e de conexões com suas pesquisas e as do grupo *Ecologistas.* E como dizia Manoel de Barros (2010) o poeta pantaneiro: "O abandono do lugar me abraçou com força. E atingiu meu olhar para toda a vida. Tudo que conheci depois veio carregado de abandono" (BARROS, 2010, p. 79).

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 27, n. 01, Agosto, 2022:
Recebido em: 30/06/2021
Aceito em: 15/07/2022

Abandonos que proliferaram possibilidades do nosso re-encontro com Paulo Freire e dele com a educação ambiental, no exercício de problematizarmos as concepções de educação ambiental tecnicistas, individualistas e alinhadas à normalização e ao controle, convidando-nos a assumirmos dimensões éticas, políticas e estéticas em prol da educação ambiental como prática da liberdade.

Abandonos para encontrar a si mesmo e encontros consigo mesmo, como nesta escrita, no exercício freireano de aprender, dialogar [e narrar] com a própria história, considerando a própria história como possibilidade de aprendizagem do mundo e de encontro com o outro, na relação, reconhecendo-o como sujeito da história, e, no exercício político e pedagógico permanente em prol de uma educação ambiental política e dialógica.

Rodrigo, como se não bastasse a pandemia para combatermos e sobrevivermos, se faz necessária uma união de forças, para criarmos alternativas e enfrentarmos os retrocessos políticos e genocidas, e os desmontes das conquistas históricas no âmbito das políticas de educação e de meio ambiente em nosso país. Estamos diante de uma reação da mãe-Terra frente à ética antiecológica do antropocentrismo e ao modo de vida e de humanidade que criamos. E, imerso nessa situação-limite com a pandemia do coronavírus, compartilho algumas inquietações que abarcam nosso posicionamento ético e político em nosso fazer docente e na pesquisa. E, como dizia Paulo Freire, “Em favor de que estudo? Em favor de quem? Contra que estudo? Contra quem estudo” (FREIRE, 1996, p. 77). Estas questões alimentam nossas redes de contatos, de produção acadêmica, orientando-nos também nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, nos posicionando no campo da educação e da educação ambiental a favor dos oprimidos, e da educação como prática da liberdade, dialógica, antirracista e anticolonial.

Com todas essas questões conversadas até aqui Rodrigo, apresento as seguintes questões: de que modo exercitar nossos interesses e preocupação de pesquisas e de práticas de educação e de educação ambiental, na radicalidade do amor, na solidariedade, na conversa e no diálogo amoroso,

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 27, n. 01, Agosto, 2022:
Recebido em: 30/06/2021
Aceito em: 15/07/2022

com o envolvimento dos cidadãos e cidadãs, nas alternativas de enfrentamento das problemáticas ecológicas locais, a defesa da vida e o enfrentamento à barbárie? Como podemos pensar em "sustentabilizar" as relações em sociedades marcadas pelas experiências de terem sido submetidas pela hegemonia da cultura supremacista branca e pelo colonialismo?

De evento em evento vamos costurando as redes de conhecimento e as redes de pesquisas em educação ambiental, como no caso do seminário realizado pelo nosso grupo de pesquisa Territórios de aprendizagens autopoiéticas, em agosto de 2019 e que contou com a sua instigante e ruidosa palestra intitulada *E Geografias... E Ecologias... E Educações... E Contemporaneidades...* R., tanto o seminário como a sua presença em Vitória coincidiram com um momento extremamente delicado para a política ambiental do país e para os ambientalistas brasileiros, e, bem diferente com a época vivida pelos naturalistas da época de Humboldt.

O ano de 2019 foi marcado por mais um episódio de nossa "humanidade" que foi a tragédia crime que aconteceu em 25 de janeiro em Brumadinho, Minas Gerais, e, meses depois, na véspera do "ruidoso" seminário, assistíamos aos incêndios criminosos em territórios indígenas e na floresta Amazônica, episódio conhecido por "Dia do Fogo". A lama tóxica no rio Doce, a liberação de agrotóxicos, a expansão do agronegócio, conflitos em terras indígenas, quilombolas e assentamentos rurais, incêndios na Amazônia, e, como se não bastasse, eis que surgiram as estarrecedoras manchas de óleo no litoral brasileiro. Que "humanidade" é essa?

Todos esses retrocessos, desastres ecológicos criminosos e atentados à vida e aos ecossistemas, rios, mares, manguezais e comunidades tradicionais, foram fundamentais para que nos uníssemos na escrita deste artigo, ao apresentar e discutir a pertinência e potência dos trabalhos desenvolvidos nas comunidades periféricas do Espírito Santo, na forma de relatos de experiências que envolvem nossas trajetórias com o ensino, a pesquisa e a extensão e nossas perspectivas de educação ambiental.

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 27, n. 01, Agosto, 2022:
Recebido em: 30/06/2021
Aceito em: 15/07/2022

O seminário e as discussões com o grupo de pesquisa, as visitas técnicas, as bancas de qualificação e defesa, os “rolês” pela cidade e parques, os *e-mails* que suscitaram a proposta deste artigo, todas essas redes de conhecimento e interação acadêmica que nos abraçam, foram fundamentais para nossas pesquisas e práticas docentes, fortalecendo nossos diálogos com outras educações ambientais. Principalmente no momento pós-pandemia, em um país repleto de negacionismos climáticos e científicos, historicamente marcado por um racismo institucional e estrutural.

O artigo, *Impactos da covid-19 na população negra capixaba: breve análise comparativa à luz da categoria raça/cor* (FORDE; FORDE, 2020), apresenta resultados estatísticos de uma pesquisa a partir de dados do painel Covid-19 do Estado do Espírito Santo, do período de 29/03/2020 a 28/04/2020, que comprovam a letalidade superior da covid-19 na população negra, sobretudo nas mulheres negras. São dados duplamente preocupantes, uma vez que comprovam a falta de equidade social e de uma política de racismo institucional que recai na precarização da vida dos corpos negros, e, os históricos processos de negligência de políticas públicas nos “quartos de despejos” das cidades, denunciando, portanto, a necessidade de direito ao acesso à água, saneamento básico, habitação, educação, transporte e segurança nas favelas urbanas. Heranças de uma sociedade colonial, escravocrata e eugenista que organiza a geografia das cidades.

Nesse momento de isolamento social e da escrita o encontro com a obra do geógrafo pernambucano Josué de Castro acolheu-me, mais precisamente os livros *Homens e caranguejos* (CASTRO, 2005) e Geografia da fome (CASTRO, 1992), acompanhados também das obras “carolineanas” da escritora negra, que foi catadora de papel na favela do Canindé em São Paulo no século passado, Carolina Maria de Jesus. Confesso meu ressentimento por ter conhecido muito tardiamente esta “revolução” chamada Carolina Maria de Jesus.

Gostaria de poder conversar com minhas turmas como Josué de Castro e Carolina denunciavam e se indignavam com a condição desumana na favela,

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 27, n. 01, Agosto, 2022:
Recebido em: 30/06/2021
Aceito em: 15/07/2022

com o flagelo da fome, os problemas sociais, o direito ao acesso à água e ao saneamento básico, a escravidão, o racismo cotidiano e suas resistências. E, no caso de Carolina, como ela foi constituindo sua intelectualidade antiescravocrata influenciada pelos abolicionistas da época, como podemos constatar em seus livros. Os encontros com os contemporâneos Josué e Carolina colocam entre parênteses os discursos do #ficaemcasa e nos provoca em como pensar no isolamento social e álcool em gel, nos "quartos de despejos" das cidades? #temgentesemcasa.

DE EDUCAÇÕES E ECOLOGIAS RADICAIS

Caro Soler, há muito tempo tenho estado bem ocupado. Aliás, desde que comecei a graduação na Geografia há mais de 20 anos, houve uma brutal mudança no que diz respeito à duração de minha vida, pois passei a carregar todo um mundo em minhas costas, tanto em relação à responsabilidade ética e política por parte de nós, ecologistas, quanto a partir de tudo aquilo que ainda não havia estudado e escrito. Como pensador e estudioso na/da ecologia política e na/da educação ambiental, sou há muito tempo, um *workaholic*, pois sei que sempre há o que fazer. Pensando junto a Bergson (2006) e Deleuze (2012), há cada vez mais fluxos simultâneos perceptíveis a mim em minha existência e duração, que me fazem ser cada vez menos capaz de agregar outros fluxos, sem necessariamente desacoplar outros que também achava interessantes em todo esse processo.

No trecho – que é pouco explorado pelos seus leitores – de "A floresta e a escola", destinado ao tempo, o Marcos bate muito duro, justamente, na questão de que a ecologia política e a educação ambiental precisam se preocupar mais com o tempo presente, do que com a ingenuidade de acreditar que outros tempos, mais ecológicos, serão os do futuro (REIGOTA, 1999, p. 30). Precisamos ainda de mais evidências do que a pandemia de Sars-Covid-2, para tornar ainda mais emergente a necessidade de pensarmos o tempo presente da ecologia?

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 27, n. 01, Agosto, 2022:
Recebido em: 30/06/2021
Aceito em: 15/07/2022

Por sua vez, já há um tempo perdido, pois os fluxos simultâneos que compunham aquele momento já não nos são mais presentes. Marcos nos dizia, em suas aulas, no Mestrado em Educação da UNISO – há quase 20 anos – que a nossa falta de tempo contemporânea era brutalmente antiecológica, pois não conseguíamos mais vivenciar o tempo presente, a não ser em relação ao trabalho e a exponencialidade da produção pedagógica e numérica. Isso tudo, caro Soler, para dizer que, quando conheci a Andréia, foi por que conseguimos sincronizar um dia em que ela estivesse em Sorocaba, por causa de suas idas e vindas de Vitória, e os meus próprios horários de trabalho. E conseguimos agendar em um dia no qual eu fazia plantão na coordenação do Curso de Geografia, da Uniso, na data em que você citou – a qual eu não recordava mais, só lembrando que havia sido entre 2014 e 2015.

Eu estava como professor e coordenador da Geografia em uma instituição, ministrando aulas na Pedagogia de outra, ministrando aulas no Ensino Médio em um tradicional colégio católico, e ainda exercia o papel de coordenador de subárea de Geografia no Programa Institucional de Bolsa de Incentivo à Docência (PIBID). Aliás, o trabalho que os meninos e meninas fizeram durante o estágio foi magnífico, envolvendo produção de hortas escolares orgânicas na escola, com utilização de compostagem, além de terem criado uma mini-plantação de mandioca e milho orgânico no espaço. Tudo devidamente registrado (BARCHI, 2017).

E, além disso tudo, mergulhado no processo de escrita pós-qualificação, de minha tese de doutorado na Unicamp. Então, quando ouvi a Andreia dizer que vinha e voltava do Espírito Santo toda semana, para as aulas do Doutorado com o Marcos, e sua pesquisa com as mulheres do congo, com toda a ecologia presente em suas práticas, eu me pensava constantemente, durante nossa conversa, e depois: que tempo ela conseguiu ter para tudo isso?

Sorocaba tem quase o espaço-tempo de São Paulo, ou, melhor dizendo, é uma miniatura do espaço-tempo paulistano. “Perde-se” ainda menos tempo em Sorocaba do que em São Paulo, pois a amplitude do espaço é mais modesta, e se leva menos tempo para percorrer as distâncias. Com as minhas

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 27, n. 01, Agosto, 2022:
Recebido em: 30/06/2021
Aceito em: 15/07/2022

duas ou três idas semanais à São Paulo, devido ao Programa de Pós-Graduação da instituição da qual sou titular hoje, tenho saudades dos instantes e momentos em que reclamava somente de Sorocaba. Sempre a comparava, em sua dinâmica, com a relativa tranquilidade de outros espaços com os quais já havia tido contato cotidiano, cujos tempos eram muito mais expandidos, e aparentemente não se mergulhavam no caos "workaholico" no qual estamos. Macapá, Rio Grande, Berlim, Montevideo, Oaxaca, San Cristóbal de Chiapas...

Foi essa também a impressão que tive de Vitória. Apesar do cosmopolitismo da capital capixaba, o fluxo é outro. O movimento é incomparável em relação ao da megalópole paulista, em especial de suas metrópoles: São Paulo, Sorocaba, Campinas, ou seja, meu eixo triangular de trabalho e estudos. E essa dinâmica, com menos componentes simultâneos à duração de vocês, me fez ter um enorme choque, quando cheguei, ao ser recebido por todos com longos abraços e sorrisos. Em Sorocaba, achava que fosse uma especificidade sua e da Andreia, mas percebi que é prática capixaba. Espero que a Andreia não tenha levado nossa frieza para aí, nos tempos em que esteve por aqui.

A questão é que quando me convidou para as bancas de defesa do Roberto, de qualificação da Edilene, e para fazer uma conferência na UFES, me senti lisonjeado, justamente pelo fato de ter meus textos sobre educação ambiental, poder, resistência e ecologia política, lidos pelos seus alunos e citados em seus trabalhos. Ter meus textos citados pela Andreia, em sua tese, já tinha me causado, simultaneamente, surpresa e orgulho, pois me alegrava de que minhas perspectivas – seguidoras das perspectivas radicais do Marcos – pudessem contribuir para pesquisas sobre os exercícios de resistência das mulheres do congo. E também do exercício professoral e pesquisador da Andréia.

Uma das coisas mais importantes que o trabalho do Marcos nos propiciou, na Universidade de Sorocaba, foi justamente permitir o estabelecimento das redes de contato, produção acadêmica, exercício de militância e desenvolvimento de outras perspectivas ecológicas, além daquelas

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 27, n. 01, Agosto, 2022:
Recebido em: 30/06/2021
Aceito em: 15/07/2022

promovidas pelas políticas públicas, quando existiam. Redes que possibilitaram o nosso dossiê sobre as Educações Ambientais que resistem e insistem, organizado por mim e publicado na Revista Quaestio, no qual vocês participaram (GONZALEZ; RAMOS, 2019) e intensamente ajudaram na circulação e no fortalecimento de nossa posição ética e política radical, de intenso combate aos totalitarismos contemporâneos e produção de novos conhecimentos, perante o desmantelamento de instituições de proteção ambiental e social, as quais, sabemos bem, não garantiam muita qualidade à institucionalização de nossas reivindicações.

E quando cheguei à Vitória, sabia que precisava dialogar com vocês sobre essas questões, além da necessidade de nosso movimento e estabelecimento de conexões com os e as colegas da educação ambiental brasileira não se submeter ao sedutor risco de, exclusivamente, tomar o poder e se regozijar dos privilégios que essa conquista nos garantiria. Nossas conversas, durante os quatro dias de minha estadia por aí – na verdade, três dias, pois no primeiro eu estava destruído de cansaço, e publicamente lamento minha falta de sociabilidade – foram justamente nesse sentido, ou seja, sobre qual projeto político-pedagógico poderíamos pautar nossas ações, perante o esfacelamento dos programas oficiais de educação ambiental. Mais do que isso, como poderíamos manter uma práxis efetiva no campo, sem necessariamente precisar de políticas públicas que regulem, controlem e normatizem nosso pensamento e prática na área. E, principalmente, como se daria a construção do saber em educação ambiental a partir da fragilidade da institucionalização da mesma, e sua rápida transformação, de salvadora do planeta em pária educacional.

Se nós somos aberta e radicalmente freireanos, nos tornamos inimigos da política atual de educação e meio ambiente. Por mais que a proposta de Freire e seus intérpretes e alinhados seja reconhecida internacionalmente, e tenha uma massa de admiradores por aqui, passamos a ser adversários políticos não somente do discurso governamental, mas de uma massa de apoiadores, que estão postos a nos denunciar. Não somente por crimes que

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 27, n. 01, Agosto, 2022:
Recebido em: 30/06/2021
Aceito em: 15/07/2022

não existem, mas porque assumimos uma postura em sala de aula que não é totalitária, autoritária, violenta e doutrinadora, mas dialógica, democrática, pacifista e plural.

Acontece que, “desinstitucionalizada”, demonizada – como gostamos – e inimiga da governança, as educações ambientais, ou perspectivas ecologistas em educação, mais do que propostas bonitinhas de “esverdeamento” social, são a nossa política, nossa ética, nossa prática radical de transformação da realidade ecológica e social do mundo, nosso método de constante e recíproco ensinar e aprender. Sabemos o tamanho da briga que compramos, desde o começo, e queremos também conhecer quem comprou essa briga conosco. E por isso aceitei o convite de ir até Vitória conhecer seus orientandos e os trabalhos que estão realizando sob sua “tutela”.

E a primeira de quem quero falar é a Edilene, cuja banca de qualificação me deixou bastante animado. Não somente por causa da boa qualidade do trabalho desenvolvido por ela, mas da possibilidade que tem de trazer à tona os discursos das mulheres ecologistas do rio Formate, na grande Vitória. É um exercício que estamos fazendo já há algum tempo, em especial muito impulsionados pelas narrativas que o Marcos traz em “Ecologistas” (REIGOTA, 1999b), e que se fortalece bastante quando Margareth Rago (2013) expõe a fala das oito mulheres, submetidas, de distintas maneiras, a uma série de violências, assédios e barbáries. Mulheres que dão o seu nome, e trazem a tona os relatos de suas vidas, e os processos de produção de sentidos (SPINK, 1999) que o processo de contar-se dá à construção da subjetividade.

Por isso que insisti, durante a banca da Edilene, na leitura do texto Rago, sobre o contar-se. Especialmente após ela ter afirmado que as mulheres do rio Formate quererem mostrar seu rosto, compartilhar suas trajetórias, falar de suas militâncias feministas e ecológicas em proteção a elas próprias, assim como na defesa das bacias hidrográficas e das paisagens naturais remanescentes, na grande Vitória. Há uma riqueza de relatos, de experiências, de educações e de ecologias políticas que são inestimáveis. Não somente ao

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 27, n. 01, Agosto, 2022:
Recebido em: 30/06/2021
Aceito em: 15/07/2022

programa de Educação no qual é docente, Soler, mas também às nossas redes em educações ambientais e perspectivas ecologistas em educação.

Posso dizer que o trabalho da Edilene é justamente o primeiro herdeiro da tese da Andréia. E não somente isso, mas também a primeira liga de uma composição política de forças, que tem no programa em que é orientador um catalisador poderoso, pois colocou em contato, mesmo que indireto, duas manifestações sociopolíticas de minorias ativas, que tem grande força em comum.

Um agir em comum que não é necessariamente a criação de exércitos uniformes, que lutam em defesa de um ideal, de um líder, de uma nação ou de uma identidade rígida e excludente (HARDT; NEGRI, 2016; 2018). Mas como uma ação simultânea e plural em defesa dos vivos, de seus ambientes, de sua qualidade de vida, e de suas relações não mercenárias e predatórias com a Terra. Uma ação que coloca em diálogo as mulheres do congo pesquisadas pela Andréia, as mulheres ecologistas do rio Formate, pesquisadas pela Edilene, e, de certa forma, as narrativas das mulheres desenvolvidas pela Margareth Rago.

A questão é que a experiência do outro, em suas especificidades, nos dá a necessária consistência experimental, teórica e conceitual, que necessitamos para continuar construindo o campo das educações ambientais. Educações ambientais no plural, como práticas e experimentos das perspectivas ecologistas em educação, na interminável práxis freireana de ação-reflexão-ação que precisamos para manter nossas atividades educativas o mais distante possível das cristalizações.

O trabalho da Edilene, portanto, nos proporciona essa riqueza de pensamento e possibilidades, que precisamos também enaltecer no trabalho do Roberto, cuja prática professoral, exposta em sua dissertação sobre a Geografia das Cores em diálogo com as educações ambientais e libertárias (SILVEIRA, 2019). Aliás, em minha sala na universidade paulistana em que estou como pesquisador docente, estão expostas as obras que ele utilizou em sua mostra de trabalhos realizados por seus alunos, com a utilização de rodas

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 27, n. 01, Agosto, 2022:
Recebido em: 30/06/2021
Aceito em: 15/07/2022

de bicicletas e tinturas naturais. A cobiça de meus colegas pelos belíssimos quadros é enorme. Espero que ainda estejam por lá, pois acabaram ficando em minha “fuga” da quarentena, devido à pandemia.

Apesar de seu trabalho ser muito distinto daquele que foi proposto pela Edilene, já que ele se dedica a falar de suas práticas ecologistas em sala de aula, o comum, aqui, se mantém, pois é de uma preocupação próxima a das mulheres do rio Formate aquela da qual está falado Roberto. Desde a preocupação em discutir os conceitos com seus alunos e alunas, até o trabalho artesanal com as obras artísticas, a prática narrada pelo Roberto dialoga com os exercícios ecológicos e educativos das mulheres, devido ao interesse em comum de barrar a destruição, a violência, a barbárie e a predação.

Portanto, são ecologias em comum, reunidas em seus grupos de estudos e pesquisas, que não precisam necessariamente ser uniformes para dialogarem e unir forças. Mas, justamente, fazer suas diferenças se encontrarem e conectarem, para criar estratégias, táticas, pensamentos e ações, que combatam o avanço da barbárie, que possam adiar o fim do mundo ou, ainda, aproveitando tanto as lições de Kopenawa e Krenak, além das bandas de *thrash metal*, viver depois da queda do céu, depois do holocausto.

Enquanto conseguimos impelir as barbáries – em grande parte, graças aos nossos esforços, nas últimas décadas, de militância e ampliação de redes – precisamos, e podemos, nos dar ao luxo de alguns respiros, e nossa visita técnica à casa de Augusto Ruschi e o Museu de Biologia Prof. Mello Leitão, na cidade de Santa Teresa, foi um deles. Todas as vezes em que discuti, com minhas alunas e alunos das licenciaturas e outros cursos próximos à questão ambiental – ultimamente, tenho muita proximidade com as futuras e futuros arquitetos e urbanistas – sobre ecologia política e o movimento ecológico brasileiro, o nome de Ruschi – junto a Abellá, Lutzenberger, Chico Mendes e Paulo Vinha, entre outras dezenas – sempre esteve presente. Ao ouvir a Alyne Gonçalves contar suas investigações sobre Ruschi, e logo depois de meu retorno a Sorocaba, ler sua tese de doutorado sobre ele, preciosa em detalhes (GONÇALVES, 2018), me foi ampliado, nas práticas pedagógicas cotidianas, o

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 27, n. 01, Agosto, 2022:
Recebido em: 30/06/2021
Aceito em: 15/07/2022

grau de sua importância para a proteção da vida selvagem brasileira. E sempre venho contando, para todo mundo, com maior orgulho, que assisti à constante dança dos beija-flores e colibris nos bebedouros do museu.

Outro respiro foram as gentis disposições de vocês dois em me apresentar, sob suas perspectivas, a cidade de Vitória, e as “estendidas” em Vila Velha e suas descomunais praias. Digo sob as perspectivas, pois uma estadia em um espaço que não nos é nosso, é muito diferente se estamos sozinhos, “tateando no escuro” as belezas, vicissitudes, rugosidades e ambivalências de um lugar, e se estamos com pessoas que o conhecem, e fazem questão de uma narrativa muito singular, sob uma ótica muito peculiar. De quem se afeiçoa à cidade, mas sabe que se não houver a devida crítica e luta contra os agentes de poder, que a todo custo buscam exclusivamente monetizar as paisagens, o processo avassalador de aculturação e exploração é rápido e indestrutível.

As suas conversas com as lideranças pesqueiras artesanais, com os funcionários dos parques da cidade, com os e as colegas professores e professoras, funcionários e funcionárias da UFES, nossos encontros em sua casa, nas bancas e nas atividades da universidade, nas saideiras na noite de Vitória e nas caminhadas na orla, e, em especial, saber de todo seu envolvimento com o movimento ecológico capixaba, desde os anos 90, foram constantes processos de aprendizado, que só me fazem prestar tributo à militância de vocês, e me orgulhar intensamente das amizades que fiz nos últimos anos.

AS PALAVRAS FINAIS: SEGURANDO O CÉU

Escrevemos esse texto, a quatro mãos, não somente com a intenção de apresentar e divulgar as parcerias, conexões e redes estabelecidas por algumas educadoras e educadores ambientais brasileiros, em um contexto de sucateamento, combate e extinção da educação ambiental como preocupação e política pública estatal no Brasil. Relatamos também os trabalhos e pesquisas

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 27, n. 01, Agosto, 2022:
Recebido em: 30/06/2021
Aceito em: 15/07/2022

que insistem em sua resistência de serem feitas, apesar do intenso escárnio que a questão ambiental atravessa nos últimos anos, por parte de setores mais reacionários, conservadores e, quando não, fascistas. Lembrando que quando nos referimos ao fascismo, é tanto no sentido foucaultiano do termo, de admiração e apego aos exercícios do poder, como de enaltecimento à imagem, às palavras e posturas totalitárias dos regimes europeus da primeira metade do século XX.

Trouxemos um relato ao redor de experiências em educação ambiental, no contexto de um programa de pós-graduação em Educação, e também da costura de parcerias entre educadores e educadoras ambientais autônomos(as) e até pouco tempo não institucionalizados, no âmbito acadêmico. Aqui alertamos sobre o quanto o recrudescimento do combate às e aos ecologistas no país se torna cada vez mais intenso, por parte de setores da sociedade brasileira que tem o apoio das Forças Armadas, de grupos empresariais de alto poder aquisitivo, e de agremiações que se intitulam religiosas, mas funcionam como braços ideológicos e fundamentalistas das práticas totalitárias que intencionam estabelecer no Brasil.

Portanto, ao trazermos essa conversa, tanto sobre fragmentos da formação de dois educadores ambientais, hoje professores de programas de pós-graduação em Educação, quanto a respeito das parcerias militantes, políticas, educativas e filosóficas que se estabeleceram nos últimos cinco anos, intencionamos mostrar o quanto as educações ambientais no Brasil continuarão sendo produzidas e diversificadas. E até onde e quando as dimensões e contextos permitirem.

Ao assumir uma postura não completamente colaboracionista às perspectivas oficialistas e policialescas em educação ambiental na ocorrência de governos dito “progressistas”, nem se render ao medo durante governos “ecofóbicos”, esses educadores trazem consigo a herança dos primeiros movimentos ecologistas do século XX. Tanto em suas práticas específicas e diretas junto aos seus alunos e alunas, quanto no estabelecimento de suas conexões, redes e amizades, mantém a verve da ácida e necessária denúncia

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 27, n. 01, Agosto, 2022:
Recebido em: 30/06/2021
Aceito em: 15/07/2022

contra os Estados belicistas, armamentistas, financistas e industriais, e sua respectiva proteção às corporações transnacionais, como os principais causadores da tragédia ecológica, que parece cada vez mais próxima.

São adeptos de educações ambientais, múltiplas, plurais e nascidas das diferenças que, ao máximo possível, se unem aos xamãs yanomâmis, e, cada um ao seu modo, mas em um esforço em comum, ainda tentam evitar a queda do céu (KOPENAWA; ALBERT, 2015). Se para alguns desses ecologistas, é preciso manter, freireanamente, os sonhos possíveis e a esperança, para outros, de modo espinosista, vão dizer que estão fazendo, justamente, o que é necessário nesse momento.

Nossos diálogos com outras educações ambientais continuam para além das páginas deste artigo, com o comprometimento de suspendermos o céu e lutarmos incessantemente pela vida digna, neste momento histórico que estamos vivendo (nem estamos levando em consideração as catástrofes climáticas que nos esperam no futuro), com o coronavírus entrando no artigo sem pedir licença, intervindo nas nossas relações e vidas cotidianas. Com a pandemia e o pós-pandemia emergiram problematizações relevantes e necessárias, tanto para as pesquisas em educação ambiental, quanto nos contextos que envolvam nossas atividades docentes, a formação, a pesquisa e a extensão.

Esta escrita a quatro mãos, que começou com o início da quarentena e do isolamento social, foi acompanhada pelos apelos da mídia como, dentre eles a #FicaEmCasa. Assistimos com indignação os atrasos no recebimento do auxílio emergencial, que ainda está “em análise” para milhares de pessoas. Testemunhamos a instabilidade política na troca de ministros da saúde e os combates à ciência no momento em que a pandemia invade velozmente nas periferias e favelas urbanas, nas cidades pequenas do interior e nas comunidades indígenas e quilombolas.

Voltamos às palavras de Carolina, nas quais “a fome também é professora” (JESUS, 2014a), e se faz recorrente em sua obra e em sua vida, mostrando-se cada vez mais presente no cenário pós-pandemia nas favelas e

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 27, n. 01, Agosto, 2022:
Recebido em: 30/06/2021
Aceito em: 15/07/2022

periferias urbanas, que tiveram suas geografias dos quintais substituídas pela urbanização e renovação dos espaços, ameaçando seus modos de vida cotidianos, suas formas de organização e de aquilombamentos destinados ao morar, ao cozinhar, plantar, roçar e cuidar da terra e dos animais, esse modo comunitário, ancestral e de cuidado com o lugar.

Ler e encontrar os livros *Quartos de despejo: diário de uma favelada,* (JESUS, 2014a), que neste ano completa 60 anos de seu lançamento, e a obra póstuma publicada primeiramente na França em 1982, *Diário de Bitita* (JESUS, 2014b), com uma escrita memorialística de sua infância e todas as agruras, dessabores, violências, diásporas e resistências vividas por uma família negra nas primeiras décadas do século passado, suscitaram incômodos e provocações para pensarmos o campo da educação ambiental e as questões ecológicas, tanto no âmbito político como educativo, ético e epistemológico, principalmente neste momento da pós-pandemia.

A condição diaspórica da vida e da obra de Carolina com suas peregrinações pelas cidades interioranas de São Paulo suscitou reflexões para pensarmos na sustentação do céu em tempos de pandemia, as nossas relações ecológicas e nossos interesses e compromissos éticos e políticos com a docência, formação, a pesquisa e a extensão no campo da educação e da educação ambiental. É como ela mesma dizia: “O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (JESUS, 2014, p. 32), denunciando a lógica espacial e urbana excludente, racial, perpetuada por um projeto social e pelo pacto narcisístico da branquitude, exposto descaradamente com os dados de letalidade da pandemia no Brasil e pelos atos antirracistas em todo o mundo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de Imagens de escolas: *espaçostempos* de diferenças no cotidiano. **Educação & Sociedade**, v. 25, n. 86. p. 17-36, 2004.

BARCHI, Rodrigo. As perspectivas ecologistas em Educação e as hortas pedagógicas e orgânicas: a ação do PIBID Geografia da UNISO. **Crítica educativa**, v. 3, n. 2 p. 799-817, 2017.

BARCHI, Rodrigo. Educação ambiental e (eco)governamentalidade. **Ciênc. Educ**., Bauru, v. 22, n. 3, p. 635-650, 2016.

BARROS, Manuel de. **Menino do Mato**. São Paulo: Leya, 2010.

BERGSON, Henri. **Duração e simultaneidade: a propósito da teoria de Einstein**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, (2006).

CASTRO, Josué. de **Geografia da fome*:* o dilema brasileiro: pão ou aço**. 7 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, (2007).

CASTRO, Josué. de **Homens e caranguejos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, (2007).

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2012.

FORDE, Gustavo. H. A.; FORTE, Rasley. de P. (2020). Impactos da covid-19 na população negra capixaba: breve análise comparativa à luz da categoria raça/cor. **Estudos Africanos e Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Ufes**. 2020. Disponível em: <https://bityli.com/covid19povonegrocapixaba>. Acesso em: 19 jun. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra. (2009)

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com a própria história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GONZALEZ, Soler. **Educação ambiental autopoiética com as práticas do bairro Ilha das Caieiras entre os manguezais e as escolas.** 159 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, 2013.

GONZALEZ, Soler; RAMOS, Andréia. T. Há uma horta no meio da cidade. **Quaestio**, v. 21, n. 1. 2019

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Bem-Estar Comum**. Trad. Clóvis Marques. São Paulo Record. (2016)

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio (2018). **Assembly: A organização multitudinária do comum**. Trad. Lucas Carpinelli, Jefferson Viel. São Paulo: Editora Filosófica Politéia, 2018.

GONÇALVES, Alyne. dos S. G.. **A militância conservacionista de Augusto Ruschi: Práticas científicas e estratégias políticas na construção da Biologia e da Conservação da Natureza no Brasil (1937-1986)**. Tese

(Doutorado em História Social das Relações Públicas). Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2018.

JESUS, Carolina. M. de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014a.

JESUS, Carolina. M. de. **Diário de Bitita**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2014b.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomâmi**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MAULIN, Gilfredo. C. **Lugares e tempos em narrativas de uma educação ambiental pós-colonial no Sítio dos Crioulos - Jerônimo Monteiro-ES**. Tese (Doutorado em Educação). Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação, 2013.

MATHIAS, Maíra; TORRES, Raquel. A possível eugenia bolsonarista. **Outras palavras.** 13 de maio de 2020. https://outraspalavras.net/outrasaude/a-eugenia-bolsonarista/.

MELLO, Dilma. Pesquisa narrativa e formação de professores. In: GOMES JÚNIOR, Ronaldo Corrêa (org.) **Pesquisa narrativa: histórias sobre ensinar e aprender línguas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escritas de si e subjetividades**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

RAMOS, Andréia T. **Educação ambiental entre os Carnavais dos amores com os mascarados do congo de Roda D'Água.** Dissertação (Mestrado em Educação). Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação, 2013.

RAMOS, Andréia T.. **Mulheres no congo do Espírito Santo: práticas de re-existência ecologista com os cotidianos escolares**. Tese (Doutorado em Educação). Sorocaba: Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2018.

REIGOTA, Marcos. **A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna**. São Paulo: Cortez, 1999a

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas.** Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999b.

REIGOTA, Marcos. Aspectos teóricos e políticos das narrativas: ensaio pautado em um projeto transnacional. In: CORDEIRO, Rosineide; Kind, LUCIANA. **Narrativas, gênero e política**. Curitiba: CRV, 2016.

REIGOTA, Marcos; POSSAS, Raquel; RIBEIRO, Adalberto. **Trajetórias e Narrativas através da Educação Ambiental.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

SCHLICHTING, Homero; BARCELOS, Valdo. **Humberto Maturana: amar...verbo educativo.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

SILVEIRA, Roberto. M. da.. **Geografia das Cores: Práticas Pedagógicas Libertárias e Ecologistas em Educação nos Cotidianos Escolares.** Dissertação (Mestrado em Educação). Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2019.

SPINK, Mary. J. P. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 1999.

WULF, Andrea. **A invenção da natureza**: a vida e as descobertas de Alexander von Humboldt. Trad. Renato Marques. São Paulo: Planeta, 2016.

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 27, n. 01, Agosto, 2022:
Recebido em: 30/06/2021
Aceito em: 15/07/2022